



Moacir de Souza Júnior, Ana Caroline de Vasconcelos Araújo Arnaud & Maria do Socorro Furtado Silva Silveira (2021). Educação e Saúde: Promovendo o processo de aprendizagem a partir do uso das TIC na terceira idade. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. II, pp. 13-25.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021juniorarnaudsilveira

ISBN: 978-989-8805-65-2

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



Educação e Saúde: Promovendo o processo de aprendizagem a partir do uso das TIC na terceira idade

MOACIR DE SOUZA JÚNIOR¹

ANA CAROLINE DE VASCONCELOS ARAÚJO ARNAUD²

MARIA DO SOCORRO FURTADO SILVA SILVEIRA³

¹Instituto Agropolos do Ceará

²Universidade Anhanguera - Uniderp

³Universidade da Madeira

msjunior0902@gmail.com

enviado a 25/01/2021 e aceite a 15/03/2021

Resumo

É muito difícil aceitar-se velho em uma sociedade em que as figuras jovens sempre estão presentes nas mídias, mostrando todo o seu vigor e a sua saúde. Por outro lado, ser velho é perceber que o declínio da saúde e da própria vida é algo sem volta. Ser velho é presenciar que sua vida está em plena decadência, e, isso acarreta uma série de consequências quanto a ver-se como um ser na qual a sua juventude é apenas uma lembrança guardada na memória e que o espelho mostra todos os dias um rosto enrugado e flácido. A educação tem um papel primordial na formação de um cidadão mais consciente, já que é possível, a partir dela, modificar hábitos, sempre em busca de uma melhor qualidade de vida. Quanto maior for o nível de escolaridade da população, melhor será o índice de saúde, pois uma sociedade mais instruída previne-se melhor de doenças valorizando assim, a preservação. O uso das TIC na atualidade faz-se cada vez mais presente e tende a alcançar toda a sociedade mundial. Diante disso, a população idosa necessita estar preparada para o mundo tecnológico que se descortina diante dos seus olhos. A metodologia utilizada baseou-se em uma revisão de literatura com o intuito de obter ideias atuais sobre o assunto em questão.

Palavras-chave: educação; envelhecimento; idoso; saúde; TIC.

Abstract

It is very hard to accept being old in a society where young people are always in the media, showing all their vigour and health. On the other hand, to be old is to become aware that the decline in health and life is something with no return. To be old is to witness that your life is in full decay, and this entails a series of consequences. Youth becomes just a remembrance kept in the memory and the mirror shows every day a wrinkled and flabby face. Education plays a primary role in the formation of a more conscious citizen since it is possible through it to change habits, always in the search for a better quality of life. The higher the level of education of the population, the better the health index will be. A more literate society is better equipped to prevent illnesses, thus valuing the preservation. The use of ICT nowadays is increasingly present. Moreover, it tends to reach every world society. Therefore, the elderly population needs to be prepared for the technological world that is unfolding before their eyes. The methodology used was based on a literature review, to obtain current ideas on the subject in question.

Keywords: Education. Ageing. Elderly. Health. ICT.

Introdução

De acordo com a Constituição Brasileira (1988, p. 2) em seu Art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à

propriedade”. Isso demonstra que todos têm o direito de gozar uma vida plena em toda a sua dimensão.

Entretanto, não é a isso que assistimos, principalmente no que diz respeito à população da terceira idade, visto que esta encontra-se em situações de vulnerabilidade não apenas no que preconiza a lei máxima do Brasil, como no processo de empregabilidade, já que um indivíduo que se encontra desempregado tem maior dificuldade em encontrar-se e realocar-se no mercado laborativo. Vale salientar que existe a dificuldade do uso das TIC no cotidiano de boa parte da população idosa do Brasil.

O envelhecimento das populações é um dos mais importantes desafios para a saúde pública contemporânea, especialmente nos países em desenvolvimento, onde o envelhecimento ocorre em um ambiente de pobreza e de grande desigualdade social. Nessa perspectiva, um estudo epidemiológico de boa qualidade e delineado de forma a contemplar essas especificidades são essenciais para subsidiar o desenvolvimento de políticas de saúde adequadas à realidade da população de idosos nesses países, para que envelheçam com saúde (Lima-Costa; Barreto, 2003, p. 199).

É muito difícil aceitar-se velho em uma sociedade em que as figuras jovens sempre estão presentes nas mídias, mostrando todo o seu vigor e sua saúde. Por outro lado, ser velho é perceber que o declínio da saúde e da própria vida é algo sem volta. Ser velho é presenciar que sua vida está em plena decadência, e, isso acarreta uma série de consequências quanto a permitir ver-se como um ser na qual a sua juventude é apenas uma lembrança guardada na memória e que o espelho mostra todos os dias um rosto enrugado e flácido.

Em Brasil (1998a, p. 27-28), é pertinente destacar que: atitudes favoráveis ou desfavoráveis à saúde são construídas desde a infância, pela identificação com valores observados em modelos externos ou em grupos de referência. A escola cumpre papel destacado na formação dos cidadãos para uma vida saudável, na medida em que o grau de escolaridade em si tem associação comprovada com o nível de saúde dos indivíduos e dos grupos populacionais. Mas a explicação da Saúde como tema inserido no currículo eleva a escola ao papel de formadora de protagonistas – e não de pacientes – capazes de valorizar a saúde, discernir e participar de decisões relativas à saúde individual e coletiva. Portanto, a formação de cada ser humano para o exercício da cidadania compreende a motivação e a capacitação para o autocuidado, assim como a compreensão da saúde como direito adquirido e como responsabilidade pessoal e social.

A valorização da saúde faz-se imprescindível, não apenas como algo curativo, mas também do ponto de vista preventivo, sejam nos aspectos individual ou coletivo, no qual o exercer da cidadania dá-se a partir da compreensão do processo de saúde, bem como do autocuidado e do senso de responsabilidade por si e pelos outros.

E, nesse sentido, a educação tem papel primordial na formação de um cidadão mais consciente, já que é possível por meio dela, modificar hábitos até então existentes, sempre na busca por uma melhor qualidade de vida. Quanto maior for o nível de escolaridade da população, melhor será o índice de saúde, pois uma sociedade mais instruída previne-se melhor de doenças, valorizando assim a preservação.

Atualmente, no Brasil, assistimos a uma preocupação crescente com o aumento da população idosa, denominada aqui de terceira idade¹. Tanto os órgãos governamentais quanto a iniciativa privada voltam sua atenção para esse quantitativo de sujeitos que aumenta a cada dia, engrossando assim, uma fileira que só tende a crescer não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Nesse sentido, na compreensão de sociedade, a concepção de homem e de educação, a população idosa é considerada improdutiva, que não satisfaz mais a dinâmica social. Sociedade esta que absorve e valoriza os indivíduos que estão atrelados ao sistema de produção e de consumo (Souza Jr, 2019, p. 2).

Paz (2001 como citado em Souza Jr, 2019, p. 2) assevera que: o acentuado desenvolvimento do capitalismo da era moderna vem desprezando a tradição humana e sua memória, e culturalmente descaracterizando a velhice, pelo processo de desprestígio, exclusão social e anulação, que este modelo impõe aos que não “servem” [grifo do autor], aos que não possuem uma perspectiva imediatamente útil, ou vigorosamente produtivo, conforme as necessidades lucrativas do capital, ou seja, que não se encontram diretamente nos meios de produção.

A discriminação impregna os mais recônditos lugares, porém o direito de continuar produzindo é inalienável. Não podemos esquecer que o conjunto da população está envelhecendo. As regras que embasam as condutas vigentes e o preconceito precisam mudar e rápido.

Mesmo diante de um cenário em que muitas vezes o sujeito da terceira idade encontra-se preterido por alguém mais jovem, assistimos ao surgimento de produtos voltados para o consumo da população idosa sendo veiculados aos meios de comunicação. Cursos são oferecidos para a especificidade desse público, favorecendo assim uma aprendizagem que se faz contínua e prazerosa, na qual se utiliza o uso das TIC de forma constante.

Porém, temos assistido cada vez mais a população idosa sendo descoberta como um grande trunfo no cenário mercadológico, não apenas do ponto de vista consumidor, mas também como detentor de conhecimento que pode contribuir de forma efetiva para uma sociedade mais solidária.

Apesar de terem conquistado uma visibilidade maior não só na mídia, mas também na sociedade, faz-se necessário buscar novas conquistas para essa população. O uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) possibilitou uma maior interação com o mundo globalizado e o acesso às informações, favorecendo assim, um processo de aprendizagem mais dinâmico e acessível.

Peixoto e Clavairolle (2005 como citado em Souza Jr, 2019, p. 5) apontam que: As “novas tecnologias” [grifo dos autores] sempre estiveram associadas à modernidade e, portanto, ao novo/recente/juventude, contrastando com o velho/antigo/velhice. No imaginário social, tudo acontece como se existisse uma incompatibilidade entre novidade e velhice. Vários estudos sobre o desenvolvimento das situações de interação entre pessoas de mais idade e objetos tecnológicos – em termos de necessidades e adaptações – têm analisado o lugar simbólico que ocupa a idade no discurso sobre o uso das novas tecnologias.

¹No decorrer do estudo, utilizaremos diferentes denominações como idoso, velhice, velho, maturidade e outros, porém estaremos referindo-nos à terceira idade.

Com o advento do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) atualmente, a população denominada terceira idade vê-se como indivíduos que estão apropriando-se desse novo conhecimento; se bem que não é tão novo assim. O uso das TIC no cotidiano das pessoas possibilita enveredar pelos mais diversos caminhos. Nesse sentido, a população idosa vislumbra uma nova aprendizagem de não apenas saber manusear uma ferramenta, mas o de apropriar-se de um novo conhecimento que traz em seu bojo uma infinidade de possibilidades de aprendizagem, bem como uma maior interação com um mundo vasto e que se descortina à sua frente, como nunca visto antes.

Nesse contexto o artigo tem por objetivo identificar a educação no processo de envelhecimento a partir da aprendizagem e do uso das TIC como processo de construção do conhecimento.

Metodologia

A metodologia utilizada baseou-se em uma revisão de literatura, com o intuito de obter ideias atuais sobre o tema em questão. Ressaltamos ainda que autores como Pierre Levy, Carlos Nogueira Fino, Jesus Maria Sousa, Seymour Papert, Moragas, Falcão, Galvão entre outros, colaboraram no diálogo empírico, no desenvolvimento teórico e dissertativo do presente artigo.

Portanto, nessa perspectiva, “a Revisão Bibliográfica também é denominada de Revisão de Literatura ou Referencial Teórico. A Revisão Bibliográfica é parte de um projeto de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico” (Santos; Candeloro, 2006, p. 43). Para Lakatos e Marconi (1997), a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia tornada pública, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, dentre outros, incluindo meios de comunicação oral como o rádio, gravações em fita magnética e audiovisual, filmes e televisão, enfim, tudo o que foi dito, escrito ou filmado, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transmitidos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de possibilitar ao pesquisador abranger uma gama de fenômenos muito maior do que aquela que seria possível na pesquisa de campo. Além do mais, a rapidez e a economia favorecem o aprofundamento a partir do conhecimento de pesquisas já realizadas por outros e através de levantamentos bibliográficos. Demo (2000, p. 11) afirma que “lemos, pois, autores, para nos tornarmos autores, não discípulos”. Fazenda (2004) complementa dizendo que “nenhum autor é sozinho, todo autor é parceiro, nem que seja apenas de seus teóricos”².

Referencial Teórico

Almeida (1986, como citado em Junior *et.al.*, 2019, p. 9) afirma que: o ponto de partida de toda aprendizagem é uma necessidade, um desejo ou um motivo por parte de quem está aprendendo. Os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional, representando um dos pré-requisitos básicos de toda aprendizagem formal.

Nesse sentido, o ensino e a aprendizagem nos dias atuais tornam-se cada vez mais dinâmicos e constantes. O uso das TIC faz-se presente de maneira a auxiliar a todas as pessoas para um

²Ivani Fazenda. Colocação feita em sala de aula sistematizada em registros de memória em 24 mar. 2004. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

aprendizado mais eficaz e eficiente, e isso não se faz diferente para os idosos, pois o emprego da tecnologia tornou-se algo comum e está inserido no cotidiano da população da terceira idade e que também traz um aprendizado significativo para essas pessoas.

O processo educacional na promoção da saúde na terceira idade

Entendemos que a situação da saúde das pessoas na sociedade faz-se presente no seu estilo de vida, na sua relação com meio que o cerca, bem como seu poder aquisitivo. O processo de transformação de uma sociedade não se dá de um momento para o outro. Faz-se necessário, portanto, compreender toda essa questão por meio das mais diversas variáveis que envolvem viver em comunidade.

A educação tem papel primordial na formação de um cidadão mais consciente, já que é possível a partir dela, modificar hábitos até então existentes, sempre na busca por uma melhor qualidade de vida. Quanto maior for o nível de escolaridade da população, melhor será o índice de saúde, pois uma sociedade mais instruída previne-se melhor de doenças valorizando assim, a prevenção.

Brasil (1998b, p. 263-264) conclui que: a proposta de permear o conjunto dos componentes curriculares com a dimensão de saúde que lhes é inerente permite, na realidade, a recomposição de um conhecimento que vem sendo progressivamente fragmentado nas diferentes áreas do saber e no interior de cada uma delas. Assim, se os padrões de saúde e os diferentes conceitos de saúde são construções sociais e históricas, resgatar o componente saúde/doença da vida nos diferentes momentos e sociedades permite recompor a história tradicionalmente reduzida a uma sequência cronológica de fatos. Mais do que isso, ao se dar conta de que a diversidade cultural e, em especial, a pluralidade intrínseca à cultura brasileira, gera uma excelente oportunidade para a discussão sobre a situação de saúde de diferentes grupos, suas percepções diferenciadas quanto à questão, como resolvem seus problemas cotidianos e como têm-se mobilizado para transformar sua realidade.

A educação para a saúde deve ser assumida como uma responsabilidade de toda a sociedade, transformando-a em um projeto que deve ter a participação de todos. Para Cachioni (como citado em Prado e Sayd 2004, p. 63-64) apontam que: a partir da década de 1980, podemos verificar que as universidades começam abrir um espaço educacional, tanto para a população idosa como para profissionais interessados no estudo das questões do envelhecimento. Entre os adultos maduros e idosos predomina a oferta de programas de ensino, saúde e lazer, por meio dos quais acredita-se que essa população vem encontrando possibilidades de combinar desenvolvimento de sociedade e educação e permanente.

Quando a sociedade começa a abrir espaço para que a população idosa possa estar em pleno contato com o meio que a cerca, crescem as interações nesse sentido, já que todos saem ganhando na troca de experiências e informações. Para Júnior *et al.* (2019, p. 5) “A educação não deve apenas ser vista como algo que pode mudar uma determinada conduta, mas sim, como algo muito mais profundo que pode ser repassada de geração a geração”.

Petersen *et al.* (2013 como citado em Souza *et al.* 2019, p. 122) afirmam que: envelhecer não precisa significar entregar-se ao ócio. O tempo disponível quando se chega à terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a

conservação da saúde mental. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora.

Entendemos que se faz necessário que os sujeitos que fazem parte da terceira idade sintam-se motivados a inserirem-se cada vez mais nesse mundo tecnológico que se descortina de forma rápida e inexorável o tempo todo. Nesse contexto, é pertinente que as pessoas da terceira idade busquem soluções próprias para as mudanças que ocorrem no seu dia a dia, com o intuito de construir um conhecimento voltado para uma melhor qualidade de vida, mas também, para descobrir novas possibilidades no mundo que o cerca.

As TIC e suas especificidades na construção do conhecimento na terceira idade

A sociedade nos dias atuais vive um processo de transformação constante no que diz respeito ao uso e ao acesso à Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). Estamos a vivenciar uma sociedade do conhecimento que se descortina diante dos nossos olhos.

Petersen, Kalempa e Pysokz (2013, p. 122) asseveram que: envelhecer não precisa significar entregar-se ao ócio. O tempo disponível quando se chega à terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, que é essencial para a conservação da saúde mental. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora.

Lévy (1999) em seu livro “Cibercultura” aponta que o grande desafio é transformar o uso das TIC dentro de um espaço que se propõe a ser um ambiente de troca, de diálogo, de fazer junto, de construir um conhecimento dentro de um processo de ensino e de aprendizagem, em um ambiente que seja acessível a todos, principalmente para a população idosa que em muitos momentos enxerga-se fora desse contexto.

As instituições educacionais, especialmente aquelas que lidam com a terceira idade, devem utilizar o computador ou qualquer outro tipo de tecnologia informacional, de forma a favorecer uma aprendizagem efetiva, para que os alunos idosos possam realmente construir um conhecimento melhor e maior a partir da sua interação com o mundo.

Vivemos em um mundo em que a tecnologia faz-se cada vez mais presente. Porém, é preciso compreender o que esse mundo tecnológico traz para nós, no sentido de que possamos compreender a realidade que nos cerca, bem como refletir, questionar e avaliar qual educação queremos dar ao aluno da terceira idade.

As novas tecnologias são uma constante em qualquer categoria educacional. Com o seu uso, o processo de ensino e de aprendizagem tornou-se muito mais dinâmico, o conhecimento passou a ser construído pelo aluno de forma mais participativa, passando a ser um sujeito mais ativo, que busca incessantemente descobrir novas possibilidades, novos saberes.

A única tecnologia que é capaz de romper o cerco da escola é aquela que nada tem a ver com a modernidade, porque já é um produto da pós-modernidade. Ao manifestar a convicção de que a utilização do computador permitiria mudar o ambiente de aprendizagem fora das salas de aula, S. Papert foi um dos primeiros a reparar que, muito mais do que poder vir a servir para relançar a escola, como os adeptos do ensino assistido por computador haviam suposto, o computador poderia ser, ao invés disso, portador de potencialidade capaz de precipitar a sua obsolescência (Fino e Sousa, 2005, p. 62).

Com o uso das TIC de forma quase maciça por toda a sociedade mundial, a população idosa necessita estar preparada para o mundo lá fora. E, diante disso, faz-se preciso que esses sujeitos oriundos da terceira idade estejam em sintonia com o mundo tecnológico, para que possam fazer uso dessas ferramentas da forma mais independente e autônoma possível, levando-os a perceberem-se como seres ativos e participantes da sociedade, apesar de já estarem afastados dos seus postos de trabalho.

Atualmente, a utilização das TIC no meio educativo, além de ser uma realidade, é também uma necessidade, uma vez que as redes sociais são ferramentas bastante utilizadas para o compartilhamento interativo entre as pessoas e já estão incluídas no dia a dia da maioria dessas pessoas.

Papert (2008) fala sobre a transformação profunda ocorrida na sua vida intelectual, profissional e nos hábitos cotidianos decorrentes do uso do computador. Fato igualmente vivenciado por todos os que incluíram, em sua rotina, novas formas de tecnologia, cujo manuseio diário e continuado gerou um novo estilo de vida, mudando setores como educação, economia, vendas e, até as relações afetivas.

A utilização de computadores em casa e na educação é, portanto, uma prática que veio para ficar e, aos professores nas salas de aula, cabe a aproximação entre eles e os alunos. Sousa & Fino (2019) mencionam que o processo de integração dos computadores no meio educacional significa um marco na tentativa de tornar eficaz o ato de ensinar.

A partir da introdução dos computadores nas salas de aula, uma diversidade de aplicações informáticas têm sido desenvolvidas constantemente e usada como ferramenta cognitiva no campo da educação, destacando-se os softwares como meios essenciais ao ensinar e ao aprender. O uso das novas tecnologias na educação tem como meta colaborar para que o indivíduo construa o seu próprio conhecimento, partindo de sua própria vontade de aprender. Isso nos remete ao Construcionismo de Papert (2008; 1996; 1980), no qual o computador é apenas uma ferramenta para que o sujeito possa ser o protagonista da sua própria aprendizagem.

Podemos afirmar que o uso das TIC na sociedade está presente no dia a dia das pessoas e a educação não pode ficar de fora dessa realidade, pois é preciso adequar-se aos novos tempos, partindo da premissa de estes se encontram em constante evolução.

A informação é um dado exterior ao sujeito que pode ser armazenada, guardada, inclusive em um banco de dados. O conhecimento é o resultado de uma experiência pessoal ligada à atividade de um sujeito provido de qualidades afetivo-cognitivas, é intransmissível, é uma informação de que o sujeito apropria-se (Charlot, 2000, p. 61).

A tecnologia utilizada até agora nas instituições acadêmicas veio para ficar e tem provocado uma grande mudança nos padrões visando assim, a uma nova perspectiva no ato de ensinar e de aprender. Com o advento da internet, o mundo viu-se cada vez menor em sua dimensão, vivemos um processo de globalização, onde as barreiras físicas deixaram de existir, pois é possível ter acesso a ideias, a imagens com apenas o apertar de uma tecla. O mundo passou por grandes transformações ao longo do seu processo histórico-social-econômico e cultural e, decerto, continua sua evolução em ritmo cada vez mais acelerado.

Dentro desse contexto, os professores veem-se mais impelidos a fazerem parte de um processo sem volta, ressignificando sua forma de pensar o ensino e a aprendizagem no mundo

onde os meios eletrônicos estão cada vez mais avançados. O grande desafio dos docentes é utilizar a internet de forma pedagógica, já que esta tem um caráter de socialização da informação para todos. Socialização esta em que é possível vislumbrar e compartilhar novas ideias que podem auxiliar definitivamente no processo educacional do aprendiz que faz parte da terceira idade.

A aprendizagem na terceira idade

Segundo Scortegagna e Oliveira (2012, como citado em Souza Jr, 2016) asseveram que as pessoas idosas que não possuem ou possuem pouca escolarização, detêm algum tipo de conhecimento sobre os mais diversos tipos de assuntos. Construíram esses conhecimentos ao longo de todo o seu percurso de vida a partir das suas experiências vividas, na qual interpretaram as mais diferentes situações de acordo com o que conhecem, as influências do meio que os cercam. Ressalte-se ainda que em toda a sua trajetória de vida, esses indivíduos foram-se modificando de acordo com a evolução de si e do próprio mundo.

Moragas (1991) aponta que os meios de comunicação de massa são vivências que podem produzir uma boa parte de compreensão de mundo. Entretanto, o autor adverte que essa compreensão não é total e, sim, parcial.

Nesse sentido, é possível perceber que os meios acadêmicos são de grande valia para articular os conhecimentos de modo mais significativo e abrangente. A troca de experiência entre o conhecimento produzido pela academia e aquele trazido pelo idoso podem dialogar perfeitamente para um melhor entendimento do mundo ao qual está inserido, levando esse sujeito a ser mais questionador, reflexivo e crítico durante a construção do seu conhecimento e isso traz um ganho enorme não apenas para ele, mas propaga-se em direção a todos aqueles que fazem parte do seu cotidiano.

Para Pereira Neves (2011 como citado em Souza Jr, 2016, p. 27), para que possamos realmente efetivar a aprendizagem na terceira idade, é necessário que essas pessoas sejam vistas como um ser participante na sociedade, que goza dos mesmos direitos que os demais indivíduos, que possui o direito ao acesso a uma educação de qualidade de acordo com suas características específicas, meio social e cultural.

Delors *et al.* (1999, p. 99) apontam ainda que: “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”. Entendemos, pois, que o processo de aprendizagem é algo que não tem fim. Processo este que se faz constante e continuamente. Que se reinventa em seu fazer diário e isso é o que vemos acontecer com os sujeitos da terceira idade, que acabam por se transformarem e como explicita Rogers (1969) é uma aprendizagem que traz um significado, ao mesmo tempo que leva o idoso a interagir não apenas consigo, mas também com o lugar em que se encontra.

É bem provável que os educandos idosos possam resistir mais que as crianças para exporem suas ideias, já que em muitos momentos eles não têm clareza de que possuem conhecimento sobre determinados assuntos. Dessa forma, convém fazer com que eles percebam-se capazes de colaborar de forma efetiva para a própria aprendizagem e dos seus pares, ao mesmo tempo em que desenvolva o sentimento de pertença ao grupo em que está inserido.

A recuperação da autoestima, da identidade pessoal e cultural e o reconhecimento mútuo dos educandos idosos envolve a rememoração de suas histórias de vida, de seus projetos e de suas expectativas. Vale lembrar que o idoso não deve ser forçado a expor sua situação pessoal, mas ser estimulado a fazê-lo como meio de integrar-se ao grupo. Em turmas heterogêneas, é provável que esse processo faça emergir conflitos entre os diferentes modos de ser. A diversidade de características dos idosos, que muitas vezes é vista como um obstáculo ao processo de ensino e de aprendizagem deve ser encarado como uma oportunidade para que o docente enfrente com o grupo os preconceitos e discriminações sociais, desenvolvendo valores e atitudes de solidariedade e tolerância perante as diferenças de gênero, de etnia, bem como de estilo de vida.

No dia a dia escolar são comuns as situações conflituosas envolvendo professor e alunos. São exemplos de dinâmicas conflituais: agitação, dispersão, crises emocionais, desentendimentos entre alunos e destes com o mestre. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises. Quanto maior for a compreensão que o docente tem dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em consequência, encontrar caminhos para solucioná-los. Assim, o professor terá condições de enxergar as situações com mais objetividade, e então agir de forma mais adequada (Galvão, 1995).

Nas interações marcadas pela elevação emocional, cabe ao mestre tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-las, deve procurar contagiá-los com sua racionalidade ao invés de deixar-se contagiar pelo descontrole emocional dos discentes. Tendo em vista a suscetibilidade das manifestações emocionais às reações do meio social, acreditamos que os encaminhamentos do professor, se adequados, podem influir decisivamente sobre a redução dos efeitos desagregadores da emoção.

Se cada docente pensar nas situações de conflitos que vive com seus estudantes, é provável que consiga identificar e distinguir algumas categorias de conflitos. Cabe ressaltar que, a relação professor-aluno é uma relação complexa. “A relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa” (Morales, 1999, p. 49).

Na relação professor-aluno espera-se que o discente aprenda e que o docente oriente sua aprendizagem. Alguns leigos afirmam que se o aluno não aprendeu é porque o professor não ensinou. Costuma-se definir aprendizagem como mudança de comportamento, mas não é qualquer mudança que é considerada aprendizagem. Reserva-se o termo aprendizagem àquelas mudanças provenientes de algum tipo de treinamento, como o que ocorre nas aprendizagens escolares. Ocorre mudança de comportamento como, por exemplo, quando o indivíduo idoso entra na classe de alfabetização sem saber ler e escrever e no final do ano está lendo. O processo de aprendizagem pode ser definido como uma modificação relativamente duradoura do comportamento, que ocorre por meio de treino, experiência e observação.

A aprendizagem não se transmite por hereditariedade. É um processo pessoal, porque depende do envolvimento de cada um, de seu esforço e de sua capacidade. É um processo gradual pelo qual se aprende aos poucos e cada um tem um ritmo próprio. Falcão (1991) indica que é também um processo cumulativo, pois a cada nova aquisição adiciona-se algo.

Pereira (2018 como citado em Souza Jr, 2019, p. 196) indica que: o idoso é capaz de aprender, pois o ser humano aprende até a morte e, como aprendiz, pode viver melhor participando em grupo, de sua própria aprendizagem e da construção da aprendizagem dos outros, com dignidade, autoestima elevada, autoconfiança recuperada ou afirmada na busca constante de sua completude.

A aprendizagem é um processo que começa com o nascimento e permanece de uma forma ou outra por toda a vida. Muito do que aprendemos não é aprendizagem escolar. Aprendemos atitudes em relação a nós mesmos e aos outros; aprendemos a ser o tipo de pessoas que realmente somos.

A aprendizagem para os discentes da terceira idade indica a busca por preencher um vazio seja por não estarem mais engajados no dia a dia do mundo do trabalho, seja porque um dos companheiros tenha ido a óbito ou por outro motivo. O que interessa é que a construção do conhecimento tem em si uma dimensão que ultrapassa os resultados da sala de aula (Souza Jr, 2019, p. 195).

Entendemos que esse processo de aprendizagem é algo contínuo e dinâmico. Vale destacar que cada indivíduo tem seu próprio ritmo de aprender. Drouet (1990) assevera que uns são mais rápidos, outros necessitam de mais tempo. Compreendemos que a aprendizagem tem algo pessoal e individual. Cada sujeito tem seu momento. Convém enfatizar que ainda existe uma série de fatores que também podem interferir nesse ato de aprender como: “esquemas de ação inatos do indivíduo; estágio de maturação de seu sistema nervoso; tipo psicológico constitucional (introverso ou extroverso); grau de envolvimento, esforço e interesse” (Lopes, 2013, p. 11).

As novas aprendizagens do indivíduo dependem das experiências anteriores. Assim, as primeiras aprendizagens servem de pré-requisito para as subsequentes. Por esse motivo, inferimos que a aprendizagem é um processo cumulativo, ou seja, cada nova aprendizagem vai-se juntar ao repertório de conhecimentos e de experiências que o indivíduo já possui indo constituir sua bagagem cultural (Lopes, 2013, pp. 11-12).

Compreendemos que a construção do conhecimento não é algo engessado e estático. Muito pelo contrário, o indivíduo ao aprender algo novo reorganiza seus pensamentos e ideias. Suas relações transformam-se e o processo de evolução torna-se cada vez maior e mais dinâmico (Falcão, 1991).

Tudo o que se aprende está relacionado ao sistema referencial da realidade. Aprende-se com a própria experiência. Indagação e sede de saber fazem parte da natureza humana. É necessário apenas acionar a capacidade de sentir para que se aprenda com satisfação. Ao aumentar a capacidade de absorver novas informações, estimula-se a percepção das relações entre um conjunto de dados e as estruturas pessoais, interiores e exteriores. Desse modo, cada fragmento de informação encontra o seu lugar adequado e amplia a integração do todo (Ribeiro, 1997, citado por Unicovsky, 2004, p.241).

Segundo Almeida (1986 como citado em Souza Jr, 2016, p. 27), “o ponto de partida de toda aprendizagem é uma necessidade, um desejo ou um motivo por parte de quem está aprendendo. Os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional, representando um dos pré-requisitos básicos de toda aprendizagem formal”.

Nessa perspectiva, é necessário que o professor sinta-se capaz de se solidarizar com os seus educandos, a dificuldade de encarar dificuldades como desafios estimulantes, a confiança na capacidade de todos de aprenderem e ensinarem. Coerentemente a essa postura, é fundamental que esse educador procure conhecer seus alunos idosos, suas expectativas, sua cultura, as características e problemas de seu entorno próximo, suas necessidades de aprendizagem. E, para responder a essas necessidades, esse indivíduo terá de buscar conhecer cada vez melhor os conteúdos a serem ministrados, atualizando-se constantemente.

Como todo profissional, o docente deverá também refletir permanentemente sobre sua prática, buscando os meios de aperfeiçoá-la, a fim de ter clareza e segurança quanto aos objetivos e conteúdos que integram um projeto pedagógico, procurando sempre estar em condições de definir, as melhores estratégias para prestar uma ajuda eficaz aos educandos em seu processo de aprendizagem. Importa salientar ainda, acerca da sensibilidade para trabalhar com a diversidade, já que numa mesma turma poderá encontrar idosos com diferentes bagagens culturais.

É especialmente importante, no contexto desse trabalho, favorecer a autonomia dos idosos, estimulá-los a avaliar constantemente seus progressos e suas carências, ajudá-los a tomar consciência de como se realiza a aprendizagem. Compreendendo seu próprio processo de aprendizagem, o idoso estará mais apto a ajudar outras pessoas a aprenderem, e isso é essencial para pessoas que, como é o caso de muitos deles, já desempenham o papel de educadores na família, no trabalho e na comunidade.

Também é uma responsabilidade importante favorecer o acesso dos idosos a materiais educativos como livros, jornais, revistas, cartazes, textos, apostilas, vídeos entre outros. Deve-se considerar o fato de que se trabalha com grupos desfavorecidos economicamente, que têm pouco acesso a essas fontes de informação (Souza Jr, 2016).

Por fim, Claxton (2005, como citado em Souza Jr, 2019, p. 197) afirma que: é necessário salientar que o processo de aprendizagem realizado na terceira idade não é apenas um ato qualquer, mas sim, indicar que se constrói conhecimento para a vida, que se está o tempo inteiro a aprender qualquer coisa, por menor que ela pareça. É importante valorizar o que cada sujeito traz consigo, pois o intuito maior de se construir uma aprendizagem significativa é saber que cada ser tem habilidade e competência para se tornar o melhor aprendiz, no intuito de desenvolver seu potencial, ao mesmo tempo em que ele possa compreender o mundo a sua volta.

Considerações finais

Ao se trabalhar com a população idosa é importante que possamos oferecer a todos eles autonomia, bem como estimulá-los na sua aprendizagem, fazer com que eles tomem consciência do seu papel na sociedade e que possam ser de grande valia nas mais diversas áreas da aprendizagem, já que suas experiências podem ser essenciais para os mais jovens, ao mesmo tempo em que essa população está sempre disposta a ajudar.

O processo de construção do conhecimento dá-se desde o nosso nascimento até a nossa finitude. Estamos sempre em busca de novas aprendizagens. Isso também se aplica à população idosa, pois o ato de envelhecer é um processo natural de todo ser humano. Ao mesmo tempo,

ao refletir sobre esse aspecto, não cabe a nós, enquanto humanos que somos, menosprezar esse público, já que, se tivermos chance, envelheceremos.

Aprender é um “Mar sem fim”³, em que se descortinam as mais diversas possibilidades com o intuito de que aprender é uma viagem ao mundo da curiosidade, da inquietude e do descobrimento. Ou seja, uma viagem além da imaginação e sem retorno ao mesmo ponto de partida.

É possível chegar à velhice com uma boa qualidade de vida, desde que tenhamos consciência em mudar hábitos alimentares, de praticar atividades físicas com regularidade e estar suscetível aos novos processos de aprendizagens e mudanças que ocorrem no mundo.

Entendemos que o processo de aprendizagem pode ser visto tanto de forma positiva quanto de maneira negativa na evolução do desenvolvimento humano. O que se deve levar em consideração são as experiências de cada indivíduo em relação aos eventos vividos por ele. Não é difícil chegar à terceira idade com o corpo e a mente saudáveis. Alguns hábitos bem simples podem evitar uma série de problemas muito comuns nessa fase.

Cada ser humano enxerga a chegada da terceira idade de forma única e pessoal. Para uns, ser velho significa ser alguém que viveu intensamente, mas que ainda pode contribuir para a sociedade. Já para outros, a velhice significa a chegada de várias doenças, desprezo, estigma, conflito familiar entre outros. A sociedade geralmente associa o envelhecimento a um estado de decrepitude, de desorientação e de regressão, como algo ultrapassado, obsoleto.

Faz-se necessário perceber o outro como um ser humano que traz no seu interior uma história, um passado repleto de sonhos, de frustrações e desejos entre outros, no qual seja possível construir um mundo com maior tolerância, respeito, solidariedade e equidade, ao mesmo tempo em que todos possam ser responsáveis uns pelos outros (Souza Jr, 2016).

Por fim, entendemos que envelhecer é algo que não se muda, que faz parte de cada ser vivo. É a ordem natural em que nascer, crescer, envelhecer é visto como algo próprio do desenvolvimento das pessoas. A velhice faz parte de toda a história da humanidade e está inserida em todas as áreas do conhecimento da sociedade.

Envelhecer não significa sentir-se doente, sem vitalidade, discriminado e sem perspectivas. Envelhecer pode ser entendida como uma dádiva. É poder usufruir um pouco mais da vida sem os compromissos de responsabilidade a que estamos atrelados quando da nossa fase adulta. Assim, é possível exercitar um modo mais tranquilo de se viver.

Bibliografia

- Almeida, S. F. C. (1986). A motivação da aprendizagem no adulto jovem. *Revista de Psicologia*. Vol. 4, n. 1. Jan/Jul. Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Brasil (1998a). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília-DF.
- Brasil (1998b). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: saúde*. Brasília-DF.
- Brasil. (1990). Ministério da Saúde. *ABC do SUS – doutrinas e Princípios*.
- Charlot, B. (2000). *Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: ArtMed.
- Danton, G. (2011). Monteiro Lobato – vida e obra. <https://cejla.files.wordpress.com/2011/04/gian-danton-monteiro-lobato-vida-e-obra-1-38.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- DELORS, J (1999). *Educação um tesouro a descobrir*. 2 ed. In Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Cortez Editora: Brasília-DF, MEC. Unesco.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do Conhecimento Científico*. São Paulo: Atlas.

³KLINK, A. Mar sem fim: 360° ao redor da Antártida. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

- Drouet, R. (1990). *Distúrbios de aprendizagem*. São Paulo: Editora Cortez.
- Falcão, G. (1991). *Psicologia da aprendizagem*. São Paulo: Ed. Ática.
- Fino, C., & Sousa, J. (2005). As TIC redesenhando as fronteiras do currículo. *Educação e Cultura Contemporânea*, 2(3), 53-66. <http://dx.doi.org/10.5935/reeduc,v2i3.4793>
- Galvão, I. (1995). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Júnior, M. de S., Arnaud, A. C. de V. A., & Silveira, M. do S. F. S., (2019) Educação e saúde: o processo de aprendizagem para a promoção de um envelhecimento com qualidade. *Anais VI Congresso Nacional de Educação (VI CONEDU)*. Campina Grande: Realize Editora. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60090>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Lakatos, E. & Marconi, M. (1997) *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas.
- Lévy P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Lima-Costa, M. F. & Barreto, S. M. (2003). Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 12(4), 189-201. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742003000400003>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Lopes, P. (2013). *Dificuldades de aprendizagem e seus impactos no ensino superior*. [Monografia de Especialização, Universidade Cândido Mendes].
- Moragas, R. (1991). *Gerontologia Social: envejecimiento y calidad de vida*. Barcelona: Herder.
- Morales, P. (1999). *A relação professor-aluno*. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Papert, S. (2008). *A Máquina das Crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Papert, S. (1996). *A Família em Rede: ultrapassando a barreira digital entre gerações*. Trad. Fernando Augusto Bensabat Lacerda e Melo. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Papert, S. (1980). *Logo, computadores e educação*. São Paulo: Braziliense, 1980.
- Paz, S. F. (2001). *Dramas, Cenas e Tramas: a situação de Fóruns e Conselhos de Idosos no Rio de Janeiro*. Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, Campinas – SP. Brasil. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/253535>. Acesso em: 09 fev.2021
- Peixoto, C. E., & Clavairolle, F. (2005). *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Pereira C., & Neves, R. (2011). Os idosos e as TIC: competências de comunicação e qualidade de vida. *Revista Kairs Gerontologia*, 14(1), pp. 5-26. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/7099>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Pereira, L. (2018). *A importância da aprendizagem na terceira idade*. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204140.pdf. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Petersen, D. A. W., Kalempa, V. C., & Pykosz, L. C. (2013). Envelhecimento e Inclusão Digital. *Extensio*. Vol. 10, nº 15. pp.120-128. <https://doi.org/10.5007/1808-0221.2013v10n15p120>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Prado, S. & Sayd, J. (2004). A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. 9(1). Rio de Janeiro. pp. 57-68. <https://doi.org/10.1590/1413-81232004000100006>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Rogers, C. (1969). *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte-MG: Interlivros.
- Scortegagna, P., & Oliveira, R. (2012). Idoso: um novo ator social. *IX ANPED SUL*.
- Sousa, J., & Fino, C. (2019). As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional. *Revista Educação E Cultura Contemporânea*, 5(10). Recuperado janeiro 22, 2021, de <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/7013/47966003>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- Souza M. Jr. (2016). A aprendizagem na Terceira Idade através do uso das TIC. *Anais do III Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*. Fortaleza: EdUECE. pp. 21-30.
- Souza, M. Jr. (2019). *Navegando no Mar Sem Fim da Aprendizagem na Terceira Idade: uma investigação acerca do uso das TIC e da inovação pedagógica*. Tese de doutorado, Universidade da Madeira, Funchal, Portugal.
- Unicovsky, M. A. R. (2004). A educação como meio para vencer desafios impostos aos idosos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(1), p. 241-243. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000200022>

